

## Infância contemporânea, desafios e inquietudes: uma reflexão sobre o processo de escolarização inicial

### Resumo

O ensaio a seguir apresenta apontamentos sobre a concepção de infância e criança que emergem na sociedade contemporânea, para fazer um panorama de seus processos históricos, bem como de seus desafios, destacando a escolarização das crianças que frequentam o espaço da Educação Infantil. Nesta mesma perspectiva, tecemos algumas contribuições para os educadores que atuam nesta primeira fase de ensino na educação básica. Para tais possibilidades de reflexão sobre a temática em questão, abordamos como principais referências teóricas as contribuições de Walter Kohan, Manuel Jacinto Sarmiento, Manoel de Barros, dentre outros autores que trazem em seus escritos sobre a criança e infância. A Educação Infantil é considerada como a primeira etapa da educação básica, a partir do diálogo com os autores supracitados é possível (re)pensar este processo de forma reflexiva ao chamar a atenção para a infância, de maneira que o educador que atua com esta faixa etária possa valer-se de suas experiências infantis, e assim, ter um olhar mais atento e sensível com as diferentes linguagens, permitindo que a criança se expresse e faça emergir verdadeiramente a sua cultura.

**Palavras-chave:** Infância contemporânea, criança, experiência infantil, Educação Infantil

**Daiane Graciele Ribas Faoto Antonio**  
Universidade Regional do Noroeste  
do Estado do Rio Grande do Sul  
daianefaoto@hotmail.com

**Priscilla Lucena Vianna Dias**  
Universidade Regional do Noroeste  
do Estado do Rio Grande do Sul  
plvianna@ig.com.br

## Para iniciarmos a conversa

*“O que é a infância? A pergunta ressoa sem parar. Será que conseguimos levar a interrogação até onde ela consiga, de verdade, fazermo-nos interrogar? Será que nos perguntamos mesmo pela infância? Será que conseguimos interrogarmos-nos sobre nossa relação com a infância, sobre o que somos em relação à infância? Será que algo infantil nos atravessa com a pergunta?”.*

Kohan (2004, p. 51)

Para iniciar a abordagem deste processo reflexivo, faz-se necessário destacar alguns elementos que nos fizeram buscar o desejo pelo tema da infância e por qual sentido esta temática nos cativou e nos alimenta cotidianamente. O excerto em epígrafe destaca as interrogações de Kohan (2004), e deste modo, também nos intriga, inquieta e instiga a refletirmos sobre o que realmente é a infância contemporânea, faz-nos percorrer o caminho do rememorar as lembranças de nossa infância, apontando que esta etapa não é somente a fase inicial da vida humana, mas algo que nos atravessa cotidianamente seja em nossos espaços sociais, tais como familiares, educacionais, profissionais e principalmente, encontra-se se no interior de cada sujeito.

Entendemos que é na infância, através das inúmeras experiências formadoras que as potencialidades intelectuais se desenvolvem com maior vigor, sobretudo as aprendizagens que se desencadeiam nos cotidianos escolares. Para tanto, a criança ao conhecer pela primeira vez à escola infantil, não chega vazia, mas sim, possui uma bagagem cultural de conhecimentos, experiências e uma trajetória de vida, apresentando, portanto uma pré-história de aprendizagem. Assim, ao se reportar sobre a infância Manoel de Barros destaca em entrevista:

O meu conhecimento vem da infância. É a percepção do ser quando nasce. O primeiro olhar, o primeiro gesto, o primeiro tocar, o cheiro, enfim. Todo esse primeiro conhecimento é o mais importante do ser humano. Pois é o que vem pelos sentidos. Então, esse conhecimento que vem da infância é exatamente aquele que ainda não perdi. (apud Martins et al., 2006, p.32)

O autor salienta que o conhecimento adquirido na infância, é o que levaremos para o resto da vida. Além disso, é possível dizer que cada um revive as lembranças de infância ou de experiências como mãe, filha, educadora quando ao deparar com cenas cotidianas em que observamos crianças brincando, contando histórias, cantando e até mesmo nas diferentes linguagens infantis expressadas nos cotidianos das escolas, parques, ruas dentre outros espaços sociais.

Revisitar as memórias da infância faz com que nos reencontremos, oportunizando repensar as ações pedagógicas e o sentido que damos a nossas próprias vidas. Recordar a infância faz-nos lembrar de sabores ao experimentarmos os mais variados alimentos, dos cheiros, principalmente o de grama cortada, da chuva, da terra molhada e das diversas brincadeiras infantis. Como por exemplo, com um simples pedaço de madeira ou garrafa plástica era possível viajar pelo mundo imaginário, assumindo e experimentando diversos papéis e personagens. Deste modo, Manoel de Barros reporta que a infância é um sentimento que não deveria ser esquecido ou abandonado, mas sim, levado e praticado para o resto da vida.

Em meio às memórias de infância, faz-se necessário evidenciar nesta trama, qual o sentido que atribuímos à educação, mais especificamente a educação da infância e para a infância. Já que muitas são as discussões e preocupações perante esta temática, principalmente em relação aos processos de ensino e aprendizagem da criança.

Entendemos que para ocorrer uma educação em que se evidenciem as identidades dos sujeitos que frequentam os espaços de Educação Infantil, primeiramente é necessário que o educador revise suas memórias infantis a fim de entender as crianças que frequentam o ambiente educacional qual se insere, para tomar como ponto inicial a atualização das suas experiências e conhecimentos para permitir que a criança construa as primeiras relações com o conhecimento especializado na escola.

### Alguns apontamentos sobre a infância contemporânea

A infância e a criança sempre existiram, porém o olhar sobre elas e a preocupação com suas aprendizagens que gradativamente foi modificado com a evolução histórica da

sociedade. Contudo, toda a evolução perante o olhar infantil ainda é algo insuficiente para o desenvolvimento da criança no ambiente escolar da Educação Infantil atual. Por isso, destacamos a importância de conhecer mais a infância e a criança, a importância da memória infantil, sem esquecer a grande relevância do trabalho do educador que atua neste ambiente de ensino juntamente com seu olhar infante, cauteloso, astuto, pedagógico e metodológico para com a infância contemporânea.

A criança é o sujeito cultural e social, inserida na infância. Assim, Sarmiento (2005) ao se reportar sobre esta afirmação salienta que

[...] a infância é independente das crianças; estas são os actores sociais concretos que em cada momento integram a categoria geracional; ora, por efeito da variação etária desses actores, a "geração" está continuamente a ser "preenchida" e "esvaziada" dos seus elementos constitutivos concretos. (SARMENTO, 2005, p. 364)

Ao recorrer a este conceito contemporâneo sobre infância destaca-se que está intimamente implicada numa construção social e cultural, ela é compreendida como uma categoria social em que as crianças a constituem. Nesta perspectiva, destacamos algumas contribuições da sociologia da infância, campo de estudo e investigação em que se oportuniza a pesquisar e interrogar a sociedade a partir de um ponto de vista que acolhe e toma as crianças como sujeitas de investigação sociológica, ampliando assim o conhecimento não apenas sobre a infância, mas como as crianças aprendem e se desenvolvem em seus contextos e suas relações com a sociedade como um todo.

Até pouco tempo atrás a criança era compreendida como sujeito que não possuía história e cultura em separado dos adultos, era conhecida como "*adulto em miniatura*". Nesta perspectiva, Ariés (1973) destaca

A análise da produção existente sobre a história da infância permite afirmar que a preocupação com a criança fez-se presente somente a partir do século 19. Apesar disso, mesmo a infância constituindo-se em um problema social desde o século 19, ainda não foi suficiente para torná-la um objeto de investigação científica. Estudos mostram que até o início da década de 60 do século 20 a história da infância e a história da educação pareciam ser dois campos distintos e inconciliáveis de pesquisa. (ARIÉS, 1973, p.279)

Com o passar dos anos este quadro foi se modificando. Com a contemporaneidade, a chegada da globalização e com os avanços tecnológicos a compreensão de infância, de sua imagem e a linguagem da criança passaram a ter outro reconhecimento. As crianças começaram a serem compreendidas como sujeitos históricos e sociais, assim, estimadas por algumas áreas do conhecimento, tais como a psicologia, filosofia, sociologia, antropologia, medicina (em especial a pediatria), pedagogia, psicopedagogia, dentre outras.

A pergunta instigante que Walter Kohan nos apresenta no início do texto, “*O que é a infância?*”, em determinados momentos tão difícil de responder, pois, a infância possui muitas dimensões e sentidos, a interrogação faz-se necessária para refletir sobre as potencialidades dos sujeitos que estão inseridos neste período da vida. Assim, ainda sobre o assunto Larrosa (2006) interpela:

[...] a infância é um outro: aquilo que, sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio em que se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhimento. Pensar a infância como um outro é, justamente, pensar essa inquietação, esse questionamento e esse vazio. (Larrosa, 2006, p. 184)

Em muitos momentos não conseguimos imaginar todas as potencialidades da criança, já que em determinados períodos acabamos subestimando a inteligência e a criatividade delas. Muitas vezes não paramos para ouvir e ver o que estão fazendo e como estão se desenvolvendo, deixando nossa experiência adulta atravessar a cultura da infância, e desta forma, os adultos não permitem que o sujeito que encontra-se na infância por si só mostre sua expressividade e linguagem. Assim, nas palavras de Quinteiro (2002, p. 21),

[...] pouco se conhece sobre as *culturas infantis* porque pouco se ouve e pouco se pergunta às crianças e, ainda assim, quando isto acontece, a ‘fala’ apresenta-se solta no texto, intacta, à margem das interpretações e análises dos pesquisadores.

Destarte, é imprescindível nos reportarmos ao ambiente escolar de Educação Infantil, já que a infância é a primeira etapa da vida, o início de tudo e por isso Kohan

(2004, p.53) salienta que “a intervenção educacional tem um papel preponderante nessa linha contínua. [...] A infância é o material dos sonhos políticos a realizar. A educação é o instrumento para realizar tais sonhos”.

A respeito de memórias da infância, Manoel de Barros (2003) nos remete descrevendo sabiamente em suas poesias ao abordar que hoje é um caçador de achadouros da infância. Talvez, tenhamos nós, educadoras, educadores, mães e pais que se tornar escavadores e investigadores dos nossos quintais imaginários, para podermos “encontrar as nossas preciosidades”, as infâncias e as crianças, que estão próximas sejam em nossos espaços profissionais ou pessoais. Neste sentido Manoel de Barros (2003) nos apresenta:

#### **Achadouros**

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade. Mas o que eu queria dizer sobre o nosso quintal é outra coisa. Aquilo que a negra Pombada, remanescente de escravos do Recife, nos contava. Pombada contava aos meninos de Corumbá sobre achadouros. Que eram buracos que os holandeses, na fuga apressada do Brasil, faziam nos seus quintais para esconder suas moedas de ouro, dentro de grandes baús de couro. Os baús ficavam cheios de moedas dentro daqueles buracos. Mas eu estava a pensar em achadouros de infâncias. Se a gente cavar um buraco ao pé da goiabeira do quintal, lá estará um guri ensaiando subir na goiabeira. Se a gente cavar um buraco ao pé do galinheiro, lá estará um guri tentando agarrar no rabo de uma lagartixa. Sou hoje um caçador de achadouros de infância. Vou meio dementado e enxada às costas a cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos.

(BARROS, 2003, XIX)

A infância e a docência nos possibilitam tantos *achadouros* como bem destaca Manoel de Barros em suas escritas poetizadas. Entretanto, “*achar*” exige muita sabedoria e o exercício constante de uma escuta atenta e um olhar sensível do educador diante das realidades, diversidades, culturas e narrativas das crianças.

Assim como o poeta, o educador que trabalha na Educação Infantil precisa desenvolver a sensibilidade perante a infância, juntamente com o exercício de docência,

para que possa adquirir sabedoria para se tornar “caçador de achadouros de infâncias” e assim desenvolver habilidades de “ver, ouvir e encontrar” as crianças neste espaço inquietante que é o contexto escolar.

Observamos que diferentes espaços escolares destinados à Educação Infantil necessitam rever suas concepções e propostas pedagógicas sobre a infância, ainda apresentam rotinas rígidas e currículos prescritivos, sem flexibilidade. A criança neste contexto educativo quase sempre é neutra, portanto, não tem a oportunidade de participar dos planejamentos, tão pouco externar seus desejos e experiências de vida, de infância.

Contrapondo-se a esta lógica excludente, faz-se necessário repensar as concepções e ações pedagógicas do cotidiano infantil, abordando um currículo narrativo, para dar voz à criança e a infância que frequenta o espaço educativo, oportunizando-as a uma educação pautada na solidariedade, cooperação, valorização humana, resgate cultural, na mútua ajuda e nas relações humanas. O desafio está posto, por conseguinte é preciso como nos apresenta Barros (2003), como educadores nos tornarmos também “caçadores”, ousamos ainda em dizer “descobridores”. Descobridores de infâncias, de docências e de nós mesmos, para garantir às crianças que se encontram na infância contemporânea, um futuro mais inclusivo e humano.

## O educador de escolarização inicial: um processo reflexivo

O Homem de Orelhas Verdes  
Um dia num campo de ovelhas  
Vi um homem de verdes orelhas  
Ele era bem velho, bastante idade tinha  
só sua orelha ficara verdinha  
Sentei-me então ao seu lado  
a fim de ver melhor, com cuidado  
Senhor, desculpe minha ousadia, mas na sua idade  
De uma orelha tão verde qual é a utilidade?

*Ele me disse, já sou velho, mas veja que coisa linda  
De um menininho tenho a orelha ainda  
É uma orelha-criança que me ajuda a compreender  
O que os grandes não querem mais entender  
Ouço a voz de pedras e passarinhos  
Nuvens passando, cascatas e riachinhos  
Das conversas de crianças, obscuras ao adulto  
Compreendo sem dificuldade o sentido oculto  
Foi o que o homem de verdes orelhas  
Me disse no campo de ovelhas.  
(Rodari, 1997, p. 13)*

Esta poesia apresenta um velho homem que apesar da idade, permite ainda que suas orelhas continuem infantis, atentas as vozes, barulhos, brincades e perspectivas que só as crianças possuem. A partir desta poesia, é possível nos questionamos às vezes pelas quais deixamos de ter *orelhas verdinhas* substituindo-as pela impaciência, intolerância, negando o exercício da escuta e observação das crianças nos espaços escolares.

Partindo de tal premissa, poderíamos refletir o motivo pelo qual ainda existem currículos prescritivos, que não preveem a voz da criança que participa desta infância que frequenta a Educação Infantil na atualidade. Muitos educadores e educadoras apresentam ainda os mesmos discursos corriqueiros da falta de tempo, pois se fazer a escuta das crianças não é possível “*dar conta*” dos planejamentos e das exigências curriculares que o sistema impõe, e até mesmo, “*da falta de importância da fala infantil*” para os planejamentos e tantas outras desculpas dadas.

Ao trazer a reflexão sobre currículo, Goodson (2008, p. 143) nos convoca a refletir sobre o currículo escolar, ao abordar que este “foi inventado basicamente como um conceito para direcionar e controlar a autonomia do professor e sua liberdade potencial na sala de aula”. Entretanto, entendemos que se faz necessário (re)pensar a questão curricular, se inicialmente este foi trazido com o objetivo de prescrever e controlar, agora ele precisa narrar.

O mesmo autor (2008, p. 142) referenda que é necessário sairmos do currículo como prescrição e partirmos para “o currículo como narração de identidade, do ensino cognitivo prescrito apara o ensino narrativo do gerenciamento da vida”.

A criança por séculos foi silenciada, considerada sem importância, “sem lugar” social. Neste sentido, Bujes (2002) salienta que a infância que conhecemos atualmente não é um dado atemporal, mas sim uma invenção da modernidade. Foi em meados do século XVI, no ocidente, que as crianças começaram a se tornar objetos de uma maior investigação, relevância social e política, passando há pouco tempo fazer parte da história.

Com os avanços da globalização e evolução sócio-histórica a infância foi tomando corpo, legitimando-se e as crianças que fazem parte integrante deste grupo social foram se tornando agentes e atores sociais, como bem Sarmiento nos lembra. A escola em meio a esta trama passou a assumir o papel da escolarização das crianças, exercendo fortes influências nos desenvolvimentos cognitivos, afetivos e sociais destas, contribuindo para os processos de aprendizagem.

Por conseguinte, apenas a institucionalização da infância pela escola não é suficiente, o educador mediador destes processos também necessita de formação contínua, pois a escola que atende crianças de zero a seis anos de idade, intitulada nacionalmente como Educação Infantil deve assumir caráter político, transformador, pedagógico e não assistencialista.

Para tanto, os debates a cerca da formação pedagógica do educador da Educação Infantil tem sido amplamente discutida ao longo dos anos, surgindo propostas de cursos de formação e tendências de desenvolvimento de formações permanentes. Conforme Alves (2007), a formação pedagógica dos educadores se dá em rede, em cooperação e tem como finalidade possibilitar e efetivar a participação do educador na organização dos processos de formação, através do movimento *prática-teoria-prática* que também é atravessado pelas experiências, compreensões e aprendizagens que devem ser desenvolvidos ao longo de sua trajetória. A autora ainda destaca que:

[...] fomos compondo sentidos sobre: a relação professor-aluno; o papel do professor/professora na escola e na sociedade; como conduzir uma aula, bem como as tão diferentes aulas que precisamos fazer acontecer em toda a nossa vida profissional; onde procurar o melhor apoio para conduzir uma aula e todas elas; como encontrar, em um momento inesperado, uma resposta que não sabíamos que sabíamos.

(ALVES, 2007, p.64)

Diálogos sobre a formação dos educadores de Educação Infantil vêm tomando proporções significativas, tanto no âmbito nacional, quanto internacional e nestes destacam-se as questões dos currículos, as práticas pedagógicas, quem são os sujeitos que frequentam o espaço da Educação Infantil, quem é este educador e os contextos educativos apropriados para a infância. Nessa perspectiva, vem sendo apontados os desafios e necessidades a serem superadas, levando em consideração as culturas infantis, as histórias de vida destes que compõem este espaço infantil que tecem seus significados e suas realidades sociais.

Nos diálogos tecidos das compreensões sobre o grande desafio referente à formação pedagógica do educador de Educação Infantil, busca-se desenvolver uma proposta política pedagógica coletiva de trabalho que articule as experiências, vivências e realidades sociais e culturais do educador e educando com os conhecimentos culturalmente construídos.

Atualmente, ainda é possível observar nos interiores de escolas infantis, que alguns educadores ao desenvolverem suas práticas pedagógicas diárias em sala de aula, não conseguem romper com as concepções tradicionais pré estabelecidas desde as experiências de suas formações iniciais e acabam assumindo o currículo prescritivo, rígido, sem flexibilidade, uma vez que, necessitam “*cumprir com os planos de estudos e com a tradicional matriz curricular, que é exigência do sistema de ensino*”.

A partir do exposto, amparados por Paulo Freire, propomos alguns aspectos para o debate. O autor considera que a formação de educadores deve abordar:

[...] a fisionomia da escola que se quer, enquanto horizonte da nova proposta pedagógica; a necessidade de suprir elementos de formação básica aos educadores nas diferentes áreas do conhecimento humano; a

apropriação, pelos educadores, de avanços científicos do conhecimento humano que possam contribuir para a qualidade da escola que se quer.  
(FREIRE, 1991, p.80)

Para pensar a nova dimensão pedagógica que tanto se deseja no espaço da Educação Infantil, faz-se necessário reconhecer a importância da intervenção pedagógica que o educador desenvolve neste contexto e que necessita em determinados momentos reviver suas lembranças de infância, pois estas muito têm a contribuir com suas práticas pedagógicas. Neste sentido, sugere-se que o profissional que atua nesta modalidade de ensino deva exercer um papel ativo, dinâmico e afetivo, iniciando pelas consolidações dos espaços e ações pedagógicas.

Destarte, o educador que atua com a Educação Infantil precisa ser mediador, com olhar atento e reflexivo, que possua orelhas verdinhas como apontou Rodari (1997), para poder ouvir as mais diversas formas de linguagens e expressões que a criança venha a apresentar. Para tanto, como autoras desta escrita, salientamos a necessidade do educador estar sempre questionando seu papel, na perspectiva de um trabalho suficiente para a formação das crianças, para isso é necessário refletirmos e questionarmos a todos os momentos.

Assim, propomos algumas indagações para o educador no momento em que estiver realizando seu planejamento de aula e até mesmo que esses questionamentos pudessem estar mais presentes também na universidade, local onde o educador vai formar seu perfil enquanto profissional atuante na infância. Assim sendo, seguem algumas questões norteadoras que poderão auxiliar no desenvolvimento de uma prática pedagógica reflexiva:

- Quais as histórias de vida das crianças que se inserem no contexto em que atuo?
- Como conseguirei sensibilizar as crianças para que possam expor suas dificuldades, desejos, esperanças?
- Onde e como meu planejamento de aula se insere na vida destas?
- Como e em que sentido posso abordar questões necessárias para a vida destas crianças?
- Qual é o sentido da escola para estes/ estas educandos (as)?

- Que currículo esta sendo proposto e construído no espaço de educação em que atuo?
- Como é o currículo do meu cotidiano de ensino e aprendizagem?
- Como posso trabalhar o brincar/ lúdico em conjunto com meu planejamento de aula?
- Como posso ensinar algo que seja realmente importante para o cotidiano de meus educandos (as)?
- De que forma posso auxiliar na modificação da realidade atual do espaço de ensino que atuo, transformando-o em uma educação para e na infância?
- Como minhas memórias infantis podem auxiliar na construção do meu planejamento de aula e na minha relação com as crianças?

Enfim, não queremos aqui ter a pretensão de que os educadores consigam responder a todas as indagações, mas que com elas, possam refletir sobre sua prática de ensino, para que assim consigam “*alargar*” os olhares perante os currículos e práticas pedagógicas, e que de certa forma, estas possam ser de fato práticas inclusivas para a infância contemporânea nos espaços de Educação Infantil.

## Buscando encerrar ou quem sabe (re)iniciar a reflexão nos “desperdícios” da infância e da docência

### **O Apanhador de Desperdícios**

*Uso a palavra para compor meus silêncios.*

*Não gosto das palavras fatigadas de informar*

*Dou mais respeito as que vivem de barriga no chão*

*Tipo água pedra sapo*

*Entendo bem o sotaque das águas.*

*Dou respeito às coisas desimportantes*

*E aos seres desimportantes.*

*Prezo os insetos mais que aviões*

*Prezo a velocidade*

*Das tartarugas mais que a dos mísseis.*

*Tenho em mim esse atrás de nascença.*

*Eu fui aparelhado*

*Para gostar de passarinhos.*

*Tenho a abundância de ser feliz por isso.*

*Meu quintal é maior do que o mundo*

*Sou um apanhador de desperdícios:  
Amo os restos  
Como as boas moscas.  
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.  
Porque não sou da informática:  
Eu sou da invencionática.  
Só uso as palavras para compor meus silêncios.*  
Manoel de Barros (2003, IX)

Manoel nos apresenta em sua poesia a possibilidade de buscar em nossas infâncias as experiências das coisas “*desimportantes e desinteressantes*” que muitas vezes são deletadas de nossas memórias ou até mesmo silenciadas. Entretanto, subjetivamente estes “*desimportantes ou desperdícios*” são os elementos que nos compõem enquanto sujeitos.

A infância é a etapa primordial da vida, o início de tudo. Por isso, por ser o início do desenvolvimento da vida humana, requer uma atenção especial, principalmente no que tange os aspectos educacionais. Conforme Sarmiento (2005), a infância é historicamente e culturalmente construída a partir de um processo de longa duração, que lhe atribuiu um estatuto social e que desenvolveu as bases ideológicas, normativas e referenciais do seu espaço e lugar na sociedade. Neste processo, a infância se desenvolve através das relações que as crianças vão estabelecendo entre pares e com os adultos, nos diferentes contextos sociais.

A Educação Infantil deve ser espaço de ensino e aprendizagem onde as crianças tenham o direito à participação e acesso a um currículo narrativo, que se evidenciem suas identidades culturais e sociais, de maneira que possam utilizar as relações sociais e pessoais para a construção das aprendizagens significativas e conhecimento cognitivo.

O educador exerce função preponderante no espaço de Educação Infantil, assume o papel de mediador pedagógico em um processo de ensino e aprendizagem, que estão em contato educando e educador para que através do mundo possam mediatizar a educação. Desta forma, Marques (1993), indica que se deve renovar a educação, já que o mundo está em constantes modificações, caso contrário de nada adiantaria o acesso facilitado das crianças, adolescentes, jovens e adultos á educação se não se busca por

parte dos educadores a adequação desta as demandas impostas pelas novas formas da vida cultural, social e cidadania.

É possível sonhar com uma educação para e na infância, que seja inclusiva e mais humana, onde apresente currículos que valorizem as crianças e que sejam construídos coletivamente nos cotidianos escolares. Nesta mesma perspectiva, trazemos Freire (1994) para nos falar que:

Não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança. Por isso, venho insistindo [...] que não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado [...]. A utopia implica essa denúncia e esse anúncio.

(FREIRE, 1994, p. 91)

Compartilhamos enquanto educadoras dos mesmos sonhos, e ainda acrescentamos que trazemos em nossas singelas escritas a esperança de termos escolas com currículos que valorizem as crianças e educadores em suas singularidades, diversidades sociais e culturais. Sonhamos e temos a esperança de podermos desenvolver práticas pedagógicas que possam escutar, observar, dialogar, compreender, oportunizar e incluir nossas crianças e que de fato possamos utilizar nossas memórias infantis para melhorarmos as práticas de ensino e aprendizagem.

Por fim, estes sonhos de uma forma ou de outra podem alimentar com esperança de que a criança em sua infância será escutada e observada com outras lentes, ouvidas com *orelhas verdes* e enxergadas como preciosidades de extremo valor, através de um olhar sensível e humano. Como educadores possamos temos em mãos o desafio de ter sempre *orelhas verdinhas* para com a infância, que nos atravessa cotidianamente sem desperdiçar as coisas que ‘julgamos’ ser desimportantes, mas para a criança são de grande valia.

A inquietação nos constitui enquanto sujeitos reflexivos e pesquisadores. É através da inquietação e da indagação que podemos pensar as práticas pedagógicas que valorizem e evidenciem as crianças que vivem o período da infância. Para tanto, é importante não nos esquecermos da criança que um dia fomos para que assim possamos

interferir menos na cultura da infância com a qual trabalhamos em nossos cotidianos escolares. Para que assim, consigamos deixar a prescrição para trabalhar com a narração para com a infância contemporânea, que esta discussão possa iniciar um processo reflexivo desde a academia, que o educador consiga sair desde a universidade com suas lentes ampliadas em relação a educação destinada ao público infantil, e a partir disso, possa estar sempre em busca de novos olhares, novas formas de escuta e observação das crianças.

## Referencial

- ALVES, Nilda. **Nós somos o que contamos: a narrativa de si como prática de formação.** Salto para o futuro, Histórias de Vida e Formação de Professores: boletim n. 01 mar. 2007.
- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1973.
- BARROS, Manoel. **Memórias inventadas: a infância.** São Paulo: Planeta, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Três momentos de um gênio.** Caros amigos, São Paulo, n. 117. P. 29-33. Dez. 2006. Entrevista concedida a Bosco Martins, Cláudia Trimarco e Douglas Diegues.
- BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Infância e maquinarias.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade.** São Paulo: Cortez, 1991.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança.** São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- GOODSON, Ivor F. **As Políticas de Currículo e de Escolarização: Abordagens Históricas.** Tradução de Vera Joscelyne. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- KOHAN, Walter. **A Infância da Educação: o conceito devir- criança.** In: Lugares da Infância: filosofia. DP&A. 2004.

LARROSA, Jorge. **O enigma da infância**. In: *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. 4ª ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

MARQUES, Mario Osório. **Conhecimento Modernidade em Reconstrução**. Ijuí, Ed. UNIJUÍ, 1993. 126 p.

QUINTEIRO, Jucirema. **Infância e educação no Brasil**. Um campo de estudos em construção. In: FARIA, Ana Lúcia G. de; DEMARTINE, Zélia de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias. (Orgs.). **Por uma cultura da infância**. Metodologias de pesquisa com crianças. Campinas/SP: Autores Associados, 2002.

RODARI, Gianni. **O Homem de Orelhas Verdes**. In: TONUCCI, Francesco. *Com olhos de criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Gerações e alteridade**: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educação & Sociedade*. Campinas, São Paulo, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005.